



Ele está vivo!

Frei Lourenço Maria Papin, OP

Num clima de esperança e contida alegria, a Igreja celebrou, no último sábado, à noite, a Vigília Pascal e no dia seguinte, o Domingo da Páscoa da Ressurreição do Cristo, que juntos constituem a maior solenidade e o coração de todo Ano Litúrgico. É tempo oportuno de saudação fraterna no Ressuscitado,

No Oriente Médio, em muitas comunidades cristãs existe ainda hoje um antigo costume digno de nota. No dia da Páscoa, em lugar das costumeiras saudações, um cristão saúda o outro exclamando em língua grega: Christós anéste! (Cristo ressuscitou!). Aneste aléthinos! (Ressuscitou de verdade) responde o outro.

Tão importante é a Páscoa que sua celebração, na Liturgia, se prolonga durante sete semanas, até Pentecostes que ocorre, este ano, no dia 23 de maio. É o chamado tempo pascal.

Não obstante a dolorosa pandemia da Covid-19, essas sete semanas devem ser celebradas sempre na esperança, com contida alegria, como se fosse um só dia de festa, ou melhor, “como um grande Domingo” nas palavras de Santo Atanásio, Bispo e Doutor da Igreja (295 - 341).

A Liturgia desse tempo pascal torna-se como que um vibrante responsório da Páscoa da Ressurreição. Está se introduzindo em muitas comunidades a Celebração da Via-Lucis (Caminho da Luz), meditando a ressurreição do Senhor em 14 estações. É uma celebração que complementa a Via Crucis (Via-Sacra), dando-lhe pleno significado.

O tempo pascal é um forte memorial da Ressurreição de Cristo, verdade fundamental da nossa fé. Escrevendo à comunidade de Corinto, exclama Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação e vazia também a vossa fé!” (1 Cor 15, 13).

A pena de morte que o Império Romano infligia a uma pessoa, significava seu banimento da vida social e o aniquilamento de sua obra. Numa perspectiva humana, a vida e a obra de Cristo deveriam tornar-se um grande fracasso, como esperavam as elites religiosas judaicas da época. De fato, num primeiro momento, os apóstolos e seguidores de Cristo debandaram desconcertados e confusos.

Somente a Ressurreição corporal gloriosa de Cristo pode explicar o ressurgir imediato de sua pregação e de sua obra. O erudito apóstolo Paulo, ferrenho perseguidor das primeiras comunidades cristãs, declara com humildade e franqueza histórica: “Cristo ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Kefas (Pedro) e depois aos doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive. Em último lugar apareceu também a mim, como a um abortivo” (1 Cor 15, 1-8).



Paulo prioriza a aparição a Pedro e aos apóstolos, por serem as pedras fundamentais da Igreja. Sabemos, todavia, pelos Evangelhos, que Maria Madalena e algumas mulheres seguidoras de Jesus, foram as primeiras a se encontrarem com o Ressuscitado, as primeiras mensageiras da Ressurreição aos próprios apóstolos. Maria Madalena é chamada de “apóstola dos apóstolos”. Por que não ver nesse fato uma valorização da mulher e de sua missão na vida da comunidade?

A fé na Ressurreição das primeiras comunidades alicerça-se, pois, como prova cabal da divindade de Cristo, no testemunho de mulheres e homens concretos e confiáveis. Tão importante quanto a constatação factual do acontecimento-ressurreição é a experiência mística do Ressuscitado das primeiras comunidades apostólicas que não foram tomadas por nenhuma exaltação ou euforia diante do anúncio da ressurreição. Aliás, a verdadeira fé é sempre equilibrada e serena. Essas comunidades viviam envoltas num clima de ressurreição.

O apóstolo Paulo nos deixa em suas cartas o impressionante testemunho dessa experiência mística que se poderia resumir nestas suas palavras: “Já não sou que vivo, mas é Cristo que vive em mim (Gl 2, 20).

Com a Ressurreição de Cristo, inicia-se a construção uma nova fase para a humanidade. A Ressurreição de Cristo é a vitória da vida sobre a morte. É semente de esperança plantada no coração da história. É anúncio e realização de vida nova no amor, na verdade, na justiça e na liberdade. É exigência de vida digna da pessoa na sua dimensão religiosa, ética e social. É garantia da ressurreição da carne, suprema dignificação da pessoa humana. É a sua presença viva e atuante na nossa caminhada. Porque Ele ressuscitou de verdade, a esperança não vai decepcionar.

A Ressurreição de Cristo é força que nos impele na transformação do velho mundo num mundo novo onde a última palavra não seja da morte, mas da vida, onde a vida seja sempre vencedora da morte.